

HISTÓRIA DO CANÁRIO

O primeiro canário de que se tem notícia foi encontrado nas Ilhas Canárias, na Costa Africana do oceano Atlântico, por volta de 1402. Sabe-se que as Ilhas receberam esse nome antes do pássaro. Curiosamente, os romanos chamavam-nas de "Ilhas dos Cães" por serem habitadas por um tipo de raça de cães de grande porte. Como era de se esperar, os romanos tiveram maior interesse em ferozes cães de guarda do que em pequenos pássaros cantantes. A palavra "canário" é uma corruptela de "canis", ou cachorro, em latim.

O Canário Selvagem, ou *Serinus Canarius*, possui pouco mais de doze centímetros, é nevado, de cor verde acinzentada e com partes córneas escuras; o macho apresenta faixas amareladas enquanto que a fêmea possui partes castanho acinzentadas. Sua aparência é bastante similar à do canário verde comum. Já no século XV, tem-se notícias de canários sendo criados como animais de estimação na Europa. Ainda hoje, porém, pode-se encontrar o Canário Selvagem nas Ilhas Canárias, Açores e Cabo Verde.

Por um período de quinhentos anos, através de criações selectivas, uma grande variedade de canários foi desenvolvida. Alguns foram criados puramente pela sua habilidade vocal, onde a aparência não tinha importância. Até a Revolução Industrial, quando não existiam máquinas barulhentas, alguns artesãos costumavam manter canários em suas lojas para entretenimento. Essa prática de manter canários nos locais de trabalho acabou levando-os para as minas de carvão, onde eles serviam de "alerta" ao homem, quando morriam devido à ocorrência de gases perigosos.

Os Ingleses se distraíam fazendo experiências com os tamanhos e formas que um canário poderia apresentar, conseguindo criar algumas variações da raça, entre elas o Norwich, o Yorkshire e o Gloster. Já os franceses e italianos preferiram lidar com a postura dos canários e obtiveram vários exemplares com diferentes curvaturas da espinha. Até o início do século XX, o canto e a forma dos canários eram alvo da dedicação dos criadores. No entanto, uma mutação apareceu em um criador de canários de canto clássico despertando a atenção para a cor dos pássaros, iniciando, nesse momento, um novo interesse por parte dos criadores e desencadeando uma série de cruzamentos, levando às mais de trezentas cores conhecidas actualmente.

Evolução

Desde 1478, os canários eram criados em cativeiro no continente europeu, mas, somente em 1709, foi publicado o primeiro livro exclusivamente sobre esses pássaros, cujo autor, Hervieux de Chanteloup, já relacionava vinte e nove qualidades distintas pela cor da plumagem, entre eles os canários verdes, canelas, brancos, amarelos e alguns com olhos supostamente vermelhos. Também estavam incluídos os pássaros pintados (mutação do factor enzima) e o factor intenso (mutação do factor nevado).

A cor verde do canário resulta dos efeitos de vários componentes que entram na formação de suas plumas e penas. Basicamente, o verde é conseguido pela combinação do amarelo do lipocromo com as melaninas negra e castanho e em alguns casos pelo azul reflectido por pequenas partículas de melanina negra dispersa na plumagem, mais precisamente nas bárbulas. A presença da melanina castanho, a nuance do amarelo que

é extremamente variável e o factor intenso, além de alguns outros factores, fazem variar o tom do verde, indo do verde musgo ao cinza esverdeado, quase sem brilho, que caracteriza o canário ancestral.

A primeira modificação da cor do canário ancestral ocorrida em cativeiro foi o desaparecimento dos pigmentos melânicos em algumas partes da plumagem, numa primeira etapa, e, posteriormente, sua inibição total, transformando o canário verde original em um pássaro totalmente amarelo, com olhos escuros. Esta mutação ocorreu por uma deficiência na função exercida pelo factor enzima, que será tratado posteriormente.

Também o factor nevado presente no canário ancestral sofreu mutações, dando origem ao factor intenso. Esses dois factores influem na estrutura das plumas e penas, fazendo com que o pássaro intenso apresente normalmente uma plumagem mais compacta, tornando o seu contorno ligeiramente menor. As penas de um pássaro nevado apresentam uma zona despigmentada na extremidade, variável de indivíduo para indivíduo. Já no pássaro intenso, os pigmentos atingem as extremidades das barbas e barbelas e a coloração da plumagem é uniforme, normalmente se apresentando com um tom mais forte.

O canário ancestral possui cor de fundo amarelo clara. O amarelo é resultante do depósito de lipocromo nas barbelas, barbas e eixo das plumas e penas. A ausência de lipocromos deu origem à cor de fundo branca e, conseqüentemente, aos canários "brancos dominantes", mas com incrustações amarelas em sua plumagem.

Em 1908, na Nova Zelândia, um casal de pássaros amarelos nevados deram origem a um pássaro totalmente branco. Com acasalamentos consanguíneos, conseguiu-se fixar a mutação, descobrindo-se que o gene se localizava em um autosomo e que era recessivo. Os primeiros pássaros obtidos eram bastante frágeis e de difícil desenvolvimento. A fragilidade de tais pássaros se devia a uma deficiência orgânica, que não os deixava sintetizar a vitamina "A". Receberam a denominação de Brancos Recessivos, por já existirem os Brancos Dominantes. Sabe-se hoje que o branco não chega a ser uma cor e sim uma ausência total do lipocromo amarelo. Deve-se observar, porém, que a terminologia branco recessivo não é considerada correcta, apesar de bastante utilizada. A denominação Branco já caracteriza um canário como recessivo.

Uma outra modificação fez com que o gene responsável pela formação de melaninas negras e castanhas perdesse seu potencial. Isso acabou afectando o estágio final do processo de pigmentação, dando origem à mutação canela (ou castanho oxidado). Essa foi a primeira mutação a afectar a cor das melaninas e o canela nada mais é do que um verde onde a melanina negra foi substituída pela castanho.

Nessa época, já haviam três cores de fundo: o Amarelo, o Branco Dominante e o Branco Recessivo. Adicionados à Linha Escura Clássica (onde os canários apresentam melaninas negra e castanho) e aos factores Intenso e Nevado, já era possível identificar dezasseis cores bem distintas.

No início deste século apareceu a primeira mutação que deu origem à canaricultura visando a cor dos canários. Na Holanda, em um criador de canários de canto clássico, do acasalamento de pássaros verdes surgiram canários mutantes, hoje classificados como

Ágatas. A característica principal desta mutação é o bloqueio ao depósito de melaninas no início do crescimento das penas e plumas (diluição dos pigmentos negro e canela). A prole consistia somente de fêmeas. Através de acasalamentos consanguíneos, a mutação foi fixada, dando origem a uma nova cor e ao início de uma série de mutações. O factor que produziu o ágata, conhecido também como primeiro factor de diluição, foi aplicado à mutação canela e, os machos verdes obtidos desse acasalamento, produziram os primeiros castanhos diluídos, denominados Isabelinos.

Na década de 20, foi desenvolvido na Alemanha o primeiro trabalho sobre genética de canários de cor. Em 1926, tiveram início alguns estudos para a produção de um canário de cor de fundo vermelha. Como o canário não possuía vermelho em seu património genético, tentou-se o acasalamento com outro pássaro, o Tarim (*Spinus Cuculatus*), um pássaro de tamanho pequeno, com o corpo colorido de vermelho vivo, cabeça, asas e cauda negras, com barras vermelhas nas asas, conhecido como Pintassilgo da Venezuela. O canário fêmea utilizado nesta experiência era de cor amarela e, através do acasalamento com um macho Tarim, nasceram híbridos de cor acobreada. Essa experiência passou por várias fases de insucesso, algumas gerando fêmeas estéreis e outras causando a perda da cor obtida anteriormente. Somente após dez anos de tentativas, foram obtidas fêmeas férteis que possuíam os genes responsáveis pela assimilação do vermelho. Com Alimentação apropriada, estes canários conseguiram atingir tonalidades de vermelho bem vivas. É importante frisar que uma vez que o factor vermelho foi inserido no canário artificialmente, através de hibridação, isto não constitui uma mutação.

Dos acasalamentos entre pássaros de factor vermelho surgiram algumas fêmeas esbranquiçadas com zonas de lipocromo idênticas às observadas na fêmea do Tarim. No final dos anos quarenta, surgiram os mosaicos, hoje bastante aperfeiçoados. A princípio, parecia não ser possível obter machos mosaicos, mas com o passar do tempo essa teoria foi abandonada, pois machos com características bem diferentes dos nevados começaram a aparecer. Através de selecção e da introdução de pássaros Gloster (um dos tipos de canários mais populares) pelos italianos nos planteis de mosaicos, obteve-se um novo tipo de mosaico, onde o macho e a fêmea apresentam dimorfismo típico.

Já na década de cinquenta, três novas mutações apareceram: o marfim, o pastel e o opalino.

A mutação marfim surgiu de um casal de amarelos de canto clássico, no começo da década. A mutação ocorreu em uma fêmea, que possuía um amarelo muito suave, contrastante com a cor dos pais e irmãos, apresentando uma uniformidade de coloração perfeita. A utilização de acasalamentos consanguíneos permitiu fixar a mutação e classificá-la como recessiva e sexo-ligada.

Em 1957, na Itália, foram apresentados os primeiros pastéis melânicos. Esta mutação é também conhecido como segundo factor de diluição, pois sua acção é mais intensa sobre as feomelaninas e faz praticamente desaparecer o desenho dos castanhos deixando, porém, leves traços nos canários canelas. A mutação foi transferida para os negro-castanhos e nestes notou-se também a acção do factor sobre as melaninas negras.

No ano seguinte, em Nuremberg, Alemanha, um dos filhotes de um casal de canários

verdes de canto clássico se diferenciava bastante dos demais. Ao invés de apresentar as melaninas fortemente oxidadas, seus pigmentos melânicos estavam diluídos de tal modo que o negro ficara com uma tonalidade cinza azulada e o castanho praticamente desaparecia da plumagem. Os pés e bico, porém, continuavam escuros, aparentemente sem sofrer a acção do novo factor de diluição. Por analogia da plumagem com a perda preciosa, esses canários foram denominados opalas e, posteriormente, opalinos. Esta mutação é recessiva em relação ao seu original e se localiza em um autosomo.

Por volta de 1964, em Bruxelas, Bélgica surgiu uma nova mutação cujo fenótipo podia ser facilmente confundido com um lipocrômico vermelho ou um pastel isabelino, mas que possuía uma sub plumagem bege pálido e olhos vermelhos brilhantes, cuja cor não se alterou com o desenvolvimento do pássaro. Esse factor recebeu a denominação "Ino". Localiza-se em um autosomo, é recessivo e inibe totalmente as melaninas negras, permitindo apenas o depósito das melaninas castanhos periféricas.

O factor Ino provoca o desaparecimento das eumelaninas negras e castanhos da plumagem, mas não da sub plumagem (não aparente no canário). A única melanina exibida na plumagem externa e de contorno destes canários é a feomelanina, que deve se apresentar o mais forte possível (castanho chocolate). Nos canários melânicos, a melhor manifestação do factor Ino é observada nos pássaros oxidados (em particular os canelas) onde o factor é denominado "Feo-ino"[HUR96].

Também na década de 60 surgiu uma nova mutação, o factor acetinado ou ino sexo-ligado". Apareceu na Argentina, em 1967 e na França, em 1969. Os pássaros possuíam olhos vermelhos. Contudo, a distribuição das melaninas diferenciava-os dos inos autosomais. Ao contrário dos feo-ino, as melaninas periféricas eram inibidas e somente a melanina castanho aparecia no lugar correspondente às estrias, bastante diluída. Havia porém pássaros que se assemelhavam aos lipocrômicos.

Os pássaros de origem castanho que apresentam marcação nítida nas estrias são denominados "acetinados típicos", enquanto que os de origem negro castanho, se apresentam praticamente como lipocrômicos e são denominados "acetinados diluídos". Sendo um factor sexo-ligado e devido à maior facilidade de manuseio, hoje, quase todos os lipocrômicos de olhos vermelhos são de origem acetinada.

Uma modificação estrutural das células exteriores das penas resultou em uma mutação denominada "Factor Óptico para o Azul". A luminosidade produzida pelo espectro solar, decomposta em radiações, origina várias nuances de cor, que podem ser observadas num mesmo canário em diferentes períodos do dia, ou seja, cores mais amenas de manhã e mais fortes ao entardecer. A plenitude da pureza da cor se observa ao meio-dia. Esse factor transmite o efeito óptico que dá à cor amarela um tom esverdeado, daí a denominação Amarelo Limão.

Os canários Asas-Cinza tiveram origem na Itália, em 1966. Esta mutação é, na verdade, uma variante do factor pastel e se manifesta principalmente nos negro-castanhos oxidados. Estes pássaros possuem uma pigmentação bastante diluída na parte média das grandes penas da asa e de cauda, contrastando com as extremidades onde a melanina negra persiste. A tonalidade acinzentada, típica do negro castanho pastel, deve actuar em toda a plumagem.

A mutação topázio aconteceu na França, na década de 80, sendo oficializada em 1993 na Europa e em 1994 no Hemisfério Sul. A alteração surgiu do factor ino e os pássaros que apresentaram-na possuíam melaninas sempre castanhos no local das estrias, olhos vermelhos escuros e bandas despigmentadas dos dois lados das penas, o que acabou dando origem ao seu nome. Os canários topázio são perfeitamente definidos nos negro castanhos, tanto oxidados como diluídos (ágatas), onde a mutação se expressa.

A última mutação de que se tem notícia ocorreu em 1986, na Espanha. O factor "Ónix" se originou do acasalamento entre canários clássico homizigoto verde intenso e o canário azul. Como o factor eumo, o factor ónix também foi classificado como recessivo autos somais.

A ordem, data e local onde as mutações apareceram pela primeira vez não são precisas e podem não ser totalmente verdadeiras. Isso porque há inúmeros criadores espalhados por todo o mundo e somente aqueles que observam para reconhecer uma mutação quando ela aparece é que têm condições de fixá-la através de acasalamentos correctos. Também não é raro detectar uma modificação na cor de um pássaro e não conseguir reproduzi-la, fazendo com que aparentemente ela seja perdida. O que se tentou fazer aqui foi relacionar todas as mutações conhecidas actualmente, ou pelo menos as principais, colocando-as numa ordem razoável e dando algumas poucas características de cada uma.



criadouro semear

www.criadourosemear.com.br